

SIMONE CAMPOS

A vez de morrer



Copyright © 2014 by Simone Campos

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990,
que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

Capa

Cassio Leitão

Foto de capa

<?>

Preparação

Lígia Azevedo

Revisão

Thaís Totino Richter

Márcia Moura

*Os personagens e as situações desta obra são reais apenas no universo da ficção;
não se referem a pessoas e fatos concretos, e não emitem opinião sobre eles.*

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Campos, Simone

A vez de morrer / Simone Campos — 1^a ed. — São Paulo : Companhia das Letras, 2014.

ISBN 978-85-359-2459-6

1. Romance brasileiro I. Título.

14-03917

CDD-869.93

Índice para catálogo sistemático:

1. Romances : Literatura brasileira 869.93

[2014]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORASCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

Fax: (11) 3707-3501

www.companhiadasletras.com.br

www.blogdacompanhia.com.br

Toronto, 2014

Entrou, caminhou até a mesa, sentou. Arrancou o gorro: seu cabelo estava rente na nuca e pontudo dos lados. A pessoa daquela quarta cinzenta no Tim Hortons da Queen Street se chamava Mark. Mark Lin.

— Desculpe o atraso.

Já tinha visto Mark outras vezes. Seu rosto era oriental, perpetuamente curioso, sardento. Dessa vez a conversa demorava a decolar. Ele ainda não tinha comentado do cabelo. Talvez não tivesse gostado.

— Suponho que você tenha reparado no meu cabelo — perguntou com sarcasmo.

— Você parece uma pessoa totalmente diferente. Quem é você? — riu ele.

— Bem, o que acha dela?

— Gostei, gostei.

E ficou mudo. Izabel também.

— Você parece uma gótica. — Ele resolveu ser sincero.

— Eu já fui gótica.

Mark fez que a inspecionava.

— Cadê as tatuagens satânicas?

— Nunca quis. Nem piercing. Eu usava bracelete, roupa preta. O máximo que eu fazia — ela mostrou uma marca na canela — era me ferir onde o mosquito mordia. Ficava um buraco, depois essa marca.

— Tipo um *self-cutting* tropical.

— Bem isso. — Ela sorriu.

— Por que você fazia isso?

— Ah. O clássico do *self-cutting*. Me sentia impotente. Roía unha também. — Ela estendeu as unhas compridas e pintadas de quadriculado. — Hoje, ninguém diria, hã? Mas, engraçado, *você* tem tatuagem recente. — O braço dele estava embrulhado em filme plástico. — E piercing. Aos vinte e nove anos. Explique-se, Mark.

— É moda.

— Isso atrai as góticas?

— Às vezes.

— *Poser*.

Ele ficou ligeiramente mexido, mas não reclamou. Izabel deu um risinho e pegou na mão dele, muito mais quente que as suas.

— Sua trepada me acordou — disse Greg, cheio de olheiras.

Izabel sorriu de lado.

— Desculpa, Greg.

Greg estava comendo cereal e lendo o celular. Depois o aparelho e olhou para ela, que preparava café.

— Nem vi ele sair. Bonito?

— Sim, é gato.

Izabel se lembrou de alguns pontos da noite passada. Espremeu os lábios e respirou fundo.

— Foi muito alto, né?

O *roommate* esganava a colher olhando feio para ela. Izabel continuava de lado, vigiando o café pingar. Ele cutucou o tampo da mesa com a mão livre:

— *Pode ir falando!* Deixa de ser ruim!

Izabel deu uma risada e sentou na frente dele com a xícara, olhando-o, cúmplice.

— Eu usei aquilo que a gente comprou aquele dia.

— O quê? O brinquedo? Você comeu o garoto?

Izabel encolheu os ombros devagar:

— Sei lá, cara. Eu senti uma abertura...

— Gente... — disse Greg. — Ainda bem que não te deixam entrar no MaleHunt.

— Vocês que perdem — disse Izabel, revirando os olhinhos.

— Ele me disse que nunca ninguém tinha feito isso com ele.

Greg a olhava intensamente.

— Tem dinheiro nisso aí, hein.

— Pois é, né? Tem gente que não sabe ganhar dinheiro?

— Sério. Pagam muito bem por isso. Ainda mais você sendo gata.

— Brigada.

— Teu nome de guerra pode ser Pegging Sue.

— Pffff. — Ela revirou os olhos de novo. — De jeito nenhum.

— Por favor. É elogio.

— Você não tá entendendo. Não é que agora abriu a porteria e eu vou sair fazendo isso com todo mundo. É mais que esse cara ficou próximo, e eu gostava dele, mas ao mesmo tempo eu tinha um pouco de raiva dele. Ele me irritava, sabe? Ficava ligando, querendo encontrar, saber o que eu tava fazendo. Parecia

um cachorro, tava sempre ali, no meu pé. Então... — Izabel respirou — ... entendeu? É isso.

Greg tinha tipo a metade do tamanho de Izabel, mas ela estava sentada. Quando ele a abraçou e aplicou um beijo em sua franja nova, ela se sentiu pequenininha.

— Você é linda — disse ele. — Tenho que ir. A gente se fala depois.

Izabel gostava de tomar café devagar. Ficou pensando. A questão não é o quê, é como. Será que secretamente tinha achado divertido estar com raiva suficiente da pessoa pra dar na cara dela? Ou sempre quis dar na cara de alguém e ver como as coisas ficavam depois?

Suspeitava que não era bem nenhuma das duas coisas. Um pouco de raiva dele, certo. Queria meio que mostrar isso pra ele através do sexo. Era meio que um teste — não para ele, mas para ela. Vê se você gosta de mim mesmo eu pensando isso de você. Mesmo eu fazendo isso com você em resposta à sua devoção. Talvez fosse por aí.

E ela tinha uma pequena vergonha disso, mas tinha sentido de prazer. Não tinha gozado, mas tinha sentido de prazer.

Olhou no fundo da xícara de café e desejou saber ler o futuro. Mas não havia nem borra para isso.

Percebeu que, se continuasse dormindo em pé, não ia chegar no horário outra vez. Foi soltar o celular do carregador. Notou uma nova mensagem de texto, chegada na madrugada. Abriu.

Minha querida, seu avô acaba de falecer. Me liga. Mamãe.

Terça, 30 de dezembro

Os retângulos iluminados chacoalhavam na subida da BR-040. Muitas curvas. Tinha anoitecido às nove horas e o verão escorchante tinha ficado para trás, na linha vermelha do horizonte. Ainda se via sua silhueta pela janela no preume do ônibus.

Izabel tinha pego um dos últimos lugares disponíveis, ao lado do banheiro. De vez em quando levantava os olhos do livro e tentava perder o foco dos retângulos de luz para imaginar que estava em um veículo espacial, um avião futurista, qualquer coisa mais empolgante do que o que a esperava.

Vai começar o mês de novembro. Os amigos que encontro fazem-me todos a mesma pergunta: onde vai passar o verão? Ir passar nos lugares de montanha os meses de dezembro, janeiro, fevereiro e março, que na Europa se dizem de inverno, é um axioma, ou, ao menos, um velho costume, que o imperador d. Pedro II introduziu na sociedade do Rio. Ele transferia no verão a sua residência para Petrópolis. A corte o acompanhava e a sociedade se-

guia esta; todas as embaixadas, legações e ministérios transferiam suas atividades para essa cidade-jardim próxima da capital do país e mais fresca, que hoje, graças ao automóvel, é uma espécie de subúrbio do Rio.

Izabel voltou ao começo do livro: a data do copyright era 1941. Aquilo já era verdade em 1941. Brasil, país do futuro.

A estrada se abriu para um céu cobalto. A qualquer momento surgiria a construção branca que substituiria a antiga rodoviária, pelo menos para quem vinha do Rio. Sim, e logo Izabel avisou a fila de táxis também brancos que cobravam por destino e não distância. Táxi rodoviária-Araras era sempre exorbitante. Ela normalmente preferia continuar de ônibus. Mas, dessa vez, estava com malas e cansada.

Só quando entrou na rodoviária se deu conta da espessura da neblina. Lufadas brancas invadiam o interior do terminal. O frio também. O frio era branco.

Izabel vestiu um casaco e comprou um pastel chinês. Comeu devagar, pagou para ir ao banheiro e foi até o ponto de táxi, do outro lado da rodoviária.

— Boa noite. Quanto o senhor faz para ir até Araras?

— Que parte de Araras?

— Dez quilômetros pra dentro. Estrada Bernardo Coutinho.

Com isso ela estava dizendo: não é estrada de terra. É asfalto. Não vai sujar seu táxi nem danificar a suspensão.

— Cem reais — disse ele.

— Que isso, moço. Tá muito caro.

— É esse o preço. Bandeira dois, com taxímetro... dá isso.

— Faz por noventa.

— Sinto muito. É cem mesmo.

Izabel olhou em volta. Era tarde. Todos os três taxistas disponíveis estavam acompanhando a conversa.

— Noventa e cinco — tentou ela.

O taxista olhou bem para ela, para sua bolsa de alças amorfas, e assentiu.

— Noventa e cinco vai.

A luz se apagou.

Izabel sentiu prazer em ter previsto aquilo. Prazer e fastio. Andou no escuro até as velas já no candelabro; acendeu com o isqueiro. A chuva caía forte e constante. O pessoal da Ampla esperaria a trégua antes de consertar.

Já chovia forte quando Izabel foi largada junto ao portão de baixo do sítio. A placa de CUIDADO: CÃO BRAVO mentindo impávida. Atrás do muro, a cerca viva; e, atrás dela, a subida de terra com duas trilhas de cimento para pneus a perder de vista. Ela enfrentou a ladeira segurando o celular à frente e o guarda-chuva no pescoço até alcançar o interruptor camuflado e descobrir que ou roubaram as lâmpadas ou a fiação estava ruim.

Lá em cima, tinha se abrigado na casa. Era uma cabana no mato de último tipo, com uma equipada cozinha, dois banheiros, três quartos, sala de TV, porão e um terreno em volta bem maior do que seria necessário a quem não plantava e morava sozinho.

Izabel tirou o casaco e usou o isqueiro para acender seu penúltimo cigarro.

Agora o campo é só mais um lugar que fica chato quando cai a luz. Com uma diferença: a luz cai mais vezes.

O *campo*. Aquele também não era um campo normal. Não era um lugar com muitas fazendas, produção respeitável de alimentos. Nada para colher. Era onde o pessoal ia passar as férias, o fim de semana.

No topo do morro, dois números acima, tinha um dono de banco. Um pouco mais para trás, a uns dois quilômetros, a ex-cantora de MPB reclusa que sempre podia ser vista pelada pelas frestas da cerca viva. Mais de um bicheiro com casa ali. Também vários atores, que enjoavam e vendiam pra outros atores, de modo que Izabel nunca sabia dizer que famosos eram seus vizinhos.

Além deles, tinha os caseiros. Com amplas famílias morando nas proximidades. Frequentando as muitas igrejas evangélicas por bairro.

Então o que eu estou fazendo aqui?

O sítio era próprio. Ou melhor, da família. Adquirido pelo avô com suadas economias no fim da ditadura. Logo depois, o preço dera um salto. E outro. E mais outro. Nunca mais parando de subir. Nos anos 90, Araras se tornara um polo gastronômico requintado, um galante destino de fim de semana, um *point* de celebridades em férias rápidas do Projac.

Essa era a história que contavam. Tinha nascido em 91, para ela sempre fora assim.

Depois de adolescente, quase não ia mais. Preferia praia. Quer dizer, na época do Ivan até vinha, trepar atrás das moitas. Mas isso fazia anos, e ela sem carro próprio nem disposição para se arrastar para lá. Aí, foi viajar. Aí, o avô morreu.

Aí, meu vô morreu.

Enfiou a bituca de cigarro no cinzeiro escuro de madeira, muito anos 70.

De enfisema pulmonar.

Levantou e postou-se à frente da parede de vidro, só de janelas. Tinha certeza de que aquilo tinha um nome arquitetônico — “jardim de inverno”? Desenhado para permitir que as pessoas admirassem ambientes naturais sem sentir frio. Só que, naquele breu, não via nada lá fora. Mentira: via filetes d’água, transbor-

dando da calha e furando a terra dos vasos sob o beiral. E, a cada clarão, a rocha ao longe, escorrendo cachoeiras. Mais nada.

Entrou no menor dos quartos e abriu o guarda-roupa. No fundo dele, o chinelo laranja que era seu desde os doze anos. A cama de ferro em que sentou para calçá-los tinha sido da sua mãe até casar.

Achou que ia sentir o cheiro do avô nas coisas. Mas sentia apenas cheiro de mofo.

Saiu carregando os tênis e entrou com eles no quarto principal. Largou-os perto da porta e assentou a bolsa em cima da pen-teadeira, abrindo-a e tirando dela bolsas menores, que arrumou ao redor. De uma delas extraiu uma escova de dente, e foi ao banheiro filar a pasta.

A pasta estava meio ressecada, mas estava lá. Um hotel afetivo e estranho ao mesmo tempo, aquele.

A cama estava feita. E mofada. Tirou a roupa e entrou nela. Conferiu o celular — relativamente cedo, uma da manhã. Demorou um pouco para pegar no sono com os latidos intermitentes na ponta oeste da casa. Era a primeira vez que ouvia tantos e tão próximos: aquilo não era cão vadio, algum vizinho devia estar criando cachorros.

Quarta, 31 de dezembro

Percorreu as lajotas que separavam a casa da piscina levantando bem os pés a cada passo para transpor a grama alta. As cercas vivas disformes, o mato tomando canteiros. Mais de seis meses sem seu avô. Quase um ano sem manutenção. A casa havia sido confiada à olhada ocasional de uma vizinha, mas parece que ela nem tinha posto os pés no sítio.

Quando a luz começava a incomodar os olhos e não era dia útil, Izabel normalmente virava de lado e dormia de novo. Hoje

não. Tinha levantado no susto, clorado a piscina, ligado a bomba. Depois engolira um café — não coado, por falta de filtro. E agora averiguava o entorno.

A piscina transbordava, completada pela chuva. Estava verde. Verde-lago. A pedra da borda era áspera e curvada para cima, e represava a água acima do nível do chão. O deque úmido reluzia tristonho sem as espreguiçadeiras de PVC.

Em volta dele, hibiscos em flor, a magnólia, os pinheiros sortidos e a fila interminável de antúrios. Era visível que o sítio já tinha pertencido a uma mulher. O sítio pertencera a um homem por trinta anos, e, se ele não replantava as flores que morriam, podava e adubava zelosamente as sobreviventes.

O platô onde hoje estava a piscina costumava ser usado pela vizinhança para o futebol, com a bênção da antiga dona. Fora difícil desarraigar esse hábito deles, bem como o de usar o sítio como passagem entre a rua de cima e a de baixo. Mas a antipatia olímpica do seu avô um dia levou a melhor. Isso e a dobermann caramelô que ele arrumou.

A parte seca da grama tinha que ser regada durante o inverno, e obviamente não tinha sido. Também havia formigueiros pelo gramado, e Izabel descobriu ao andar descalça que algumas áreas estavam coalhadas de rosáceas, uma ervinha chata que cravava feito agulha em pé de banhista desavisado. Rosácea só saía com veneno. Mas os buracos na grama preocupavam mais. Depois, quando pudesse, ia trazer uns torrões novos e replantar a parte calva.

Seu avô costumava suspirar: *Quem dera ser assim com cabelo.*

A magnólia do fundo tinha definitivamente ficado mais clara e rala com a idade. O balanço cor de musgo à sua sombra fora um presente para Izabel. Pensou em se balançar um pouco, mas lembrou que o assento não comportava mais seu quadril desde uns doze anos de idade.

Do lado oposto da piscina, havia uma pitangueira sombreando o piso da casa do caseiro em ruínas. Já a árvore continava bem verde e viçosa.

A velha antena parabólica continuava espetada no declive. Toda enferrujada. Árvores haviam sido cortadas por causa dela. Para que ela conversasse com o satélite. Hoje tinham a antena-pizza e sua meia dúzia de canais abertos. Depois precisava arrumar alguém para levar aquilo dali.

Passou pelo túmulo da cachorra, um círculo de terra delimitado com seixos rolados. Káli, o nome dela. Tinha morrido há uns quatro anos; o avô teimou que não queria outra (nem outro). Ficou sozinho ali naquele sítio enorme.

Izabel foi descendo a estrada interna de queixo levantado e averiguou que, dos postes, só um tinha lâmpada. Que não acendia. Impressionante.

Atingiu a entrada de baixo e subiu tudo de novo para a horta. Estava ansiosa para começar a mexer nela. Tinha virado uma barafunda de mato com umas poucas bananeiras em volta.

Atrás da horta havia uma nespereira que se recusava a dar mais nêsperas. Havia a mangueira. A parreira que nunca dera uvas. Uma fieira de limão-galego que usavam para fazer caipirinha, quando havia visitas. Havia também a pedra onde tinha bebido sua primeira cerveja, fumado seus primeiros cigarros e recusado o segundo beijo, oferecido por Thales Nesser, um gordinho de óculos da sua antiga escola que também tinha casa em Araras e que, embora mal falasse com ela no recreio, vivia aparecendo no sítio, com efusiva aprovação da mãe de Izabel. Algumas vezes ele encontrava Izabel sozinha, noutras acompanhada por alguma amiga que ele sempre tentaria beijar, às vezes com sucesso. Izabel mesmo ele nunca conseguia.

Terminada a inspeção, ela voltou para casa e abriu todas as portas de todos os armários. Tiraria as roupas de dentro deles as-

sim que pudesse e as estenderia até sair aquele cheiro de guardado. Tem tempo, pensou. Primeiro, cuidaria do supérfluo.

Sua mão já começava a mostrar as mesmas veias saltadas das tias quarentonas. Agora sessentonas. Na infância, quarentonas — ficava olhando fascinada as mãos adultas e femininas pousadas, conversando, fumando, às vezes trêmulas, sempre pintadas. Agora olhava a sua própria ser desbastada pela manicure que lhe perguntava qual esmalte ia usar.

Em todo lugar as moças fazem a mão. No salão rural, gravaava o mesmo cheiro de química capilar, vapor e esmalte que em qualquer salão urbano. Mão e pé eram mais baratos que na cidade, mas os tratamentos de cabelo compensavam em muito. Não tinha concorrência.

De cinco em cinco minutos, um novo moleque passava buzinando a moto e acenando para o interior do salão. No segundo que isso durava, de algum modo a cabeleireira o reconhecia e acenava de volta. *Tchau, Marvinho!*

— Qual esmalte? — insistia a manicure.

— Carmim? — chutou Izabel. — Se não tiver, põe Volúpia e Toque de Ira. Uma camada de cada.

Durante a estada no exterior, Izabel fizera as próprias unhas. Levara os esmaltes daqui, que julgava melhores (continuava julgando). E o pau de laranjeira, e um alicate. Tudo numa nécessaire socada no fundo da mala: não podia na bagagem de mão, era arma. Comprou lá algodão e removedor.

Volúpia mais Toque de Ira, assim como Carmim, rendia um vermelho-dondoca. Mão branca, veias azuis, unhas vermelhas: combinava. Olhou satisfeita o resultado, pagou e saiu.

Começava a chover de novo, dessa vez fraco. Não ousava abrir o guarda-chuva com a unha secando — ali se fazia o pé an-

tes da mão por causa da poeira da estrada, tinha essa peculiaridade —, então foi andando, abanando as mãos, pisando em ovos. Respondeu a um bom-dia. Não era verdade que as pessoas se cumprimentavam mais no campo do que na cidade. Ou só cumprimentavam quem era dali. Ela não era.

Não vendiam cigarros na padaria. Izabel comprou um chiclete. Bateu o tipo de fome que só a combinação de pouca janta com trabalho braçal pela manhã é capaz de conjurar. O pouco que havia na sua despensa era metade vencido, metade inútil — só a adega era decente, fornida até. Resolveu aproveitar que estava na rua e pegar um ônibus para o centrinho. Lá encontraria tudo.

O ônibus veio rápido e viajava também rápido, jogando nas curvas. Durante o trajeto, um ou dois carros apressados tiveram que frear bruscamente ao deparar com ele no sentido contrário. Os locais se amontoavam nos bancos, uns em silêncio, outros pagaiando no celular. Todas as cabeças se viraram ao passar por uma queda de barreira, a terra laranja esparramada pela pista. Um senhor de chapéu apontou para uma casa alta cujo muro estava escorado e prestes a cair. Era de um velho amigo, disse, com orgulho.

Quando chegou no centro, Izabel sentia o café preto carcomer a parede do estômago. Rosto e mãos gelados do ar da janela. Entrou no primeiro restaurante que viu. O nome era Casa da Coruja.

O restaurante propriamente dito era pequeno, mas havia mesas livres no jardim. Izabel escolheu uma delas. Uma moça rotunda veio lhe estender um cardápio.

— Boa tarde, meu nome é Moema. Vou ser sua garçonete hoje. Gostaria de experimentar nosso couvert?

— Sim, pode trazer. Moema?

— Sim?

— Vocês vendem cigarro aqui?

— Não.

— Então vou ali só um minutinho comprar enquanto você traz o couvert.

Voltou e fumou. Consumiu as torradinhas coloridas como se não houvesse amanhã. Reparou que um rio, o rio de Araras, passava nos fundos do terreno. E que as outras mesas eram ocupadas por famílias com crianças ou casais maduros. Izabel começou a sentir que aquilo ia sair caro antes mesmo de tocar no cardápio.

Os pratos mais simples custavam em torno de oitenta reais. A picanha para dois estava listada a um preço inominável. Um suco de fruta custava mais de dez reais. Como que para compensar, havia frutas exóticas.

Izabel pediu um suco de graviola e uma feijoada completa.

Comeu até ficar parva e dispensou a sobremesa oferecida por Moema. Bebeu um café. Pagou no cartão. Acendeu outro cigarro e caminhou.

Havia dois açougues, um deles anunciando TEMOS BACALHAU CONGELADO, três restaurantes chiques, um bar xexelento, uma loja de material de construção, uma farmácia, várias lojas de roupas e artesanato, uma igrejinha católica rósea com grama-dão na frente, uma evangélica que abrigava uma escola e um Alcoólicos Anônimos, um pet-shop, uma imobiliária, uma videolocadora e três mercados completamente diferentes. Um deles era forrado de lambri e possuía vinhos do mundo todo na vitrine ampla e limpa. Outro parecia uma venda misturada com padaria. Decidiu-se pelo intermediário, com cara de supermercado. Colocou no cesto material de limpeza, frutas, legumes, asas de frango, macarrão, temperos. Perto do caixa, um display com vários envelopinhos de sementes atraiu sua atenção. Escolheu cenoura, cebolinha e tomate, que achou que seria capaz de plantar. O caixa quis saber onde ela morava.

— Por quê?

— A gente entrega até o Malta. — e deu-lhe um ímã de geladeira.

Mas a taxa era dez reais. Saiu carregada de sacolas plásticas sem logo e topou com a videolocadora. O nome era VideoLan, ou seja, devia ter internet também. Entrou.

A loja era um ambiente refrigerado com um balcão de fórmica branca no meio, dividindo. Para o lado de lá, viam-se computadores ociosos sobre uma bancada. Uma placa anuncjava aluguel de consoles de video game por hora. A locadora de vídeo propriamente dita era um prodígio de aproveitamento de espaço: DVDS restolho e blu-rays se espremiam de lado em prateleiras contíguas. Apenas os lançamentos mereciam exposição frontal, numa estante junto ao balcão.

Izabel virou-se para a mocinha no balcão.

— Quanto é o filme?

— Oito reais lançamento, quatro o acervo. DVD é três reais.

A inscrição é grátils.

Izabel colocou a caixa de volta na prateleira.

— Não, só pra saber.

— Quinta-feira sai pela metade do preço — disse a moça. —

Quer dizer, menos amanhã, que é feriado.

— Tudo bem. Deixa pra próxima.

— Feliz Ano-Novo!

— Igualmente.

Disse isso e saiu. Foi andando pela rua na direção do ponto de ônibus. Não estava mais chovendo.

Viu sua imagem na vitrine da loja de vinhos. O porte esbelto, o caminhar altivo, o balancear dos passos com o guarda-chuva, sem chegar a tocá-lo no chão. Ela era seu avô em pessoa. A mesma veia sobressaindo na testa, o mesmo olhar. Às vezes esbarrava com o próprio olhar no espelho do elevador e se assustava como se tivesse sido flagrada pelo velho.